

Arte e tecnologia na 34ª Bienal de São Paulo em Belém do Pará¹

Yasmin Cabral Gomes²

Resumo expandido

O presente artigo parte de uma observação e indagação pessoal durante uma visita à exposição “Faz escuro, mas eu canto” parte da 34ª Bienal de São Paulo, edição que ocorreu em diversas localidades do Brasil, e pela primeira vez, na região Norte em Belém do Pará, no Solar da Beira, no ano de 2022. O contexto da Bienal, como o próprio nome sugere, refere-se a um recorte expositivo que ocorre a cada 2 anos na cidade de São Paulo, com temas pertinentes e reflexivos acerca da nossa sociedade contemporânea, além de poéticas próprias de cada artista apresentadas em diferentes formas de produção artística.

Com diversos tipos de produção entre fotografias e instalações, chama-se a atenção pela quantidade de trabalhos audiovisuais na qual fizeram parte deste recorte expográfico, atraindo o visitante pelos sons que cada vídeo em exibição provoca, e como estes incorporam-se entre os demais, evocando uma mistura de sons no espaço, principalmente por um de seus enunciados, Hiroshima mon amour (1959), ser também, um trabalho de audiovisual. Portanto, a generosa quantidade de vídeos como obra, gera inquietação, afinal, sem os meios tecnológicos, talvez estes trabalhos jamais fossem existir e/ ou ter o mesmo impacto sensorial.

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático de Eixo Temático A - “Arte em eventos climáticos extremos” do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA) e no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA), Especialista em História da Arte (Faculdade Multivix), Licenciada em Artes Visuais (UNAMA). Curadora e pesquisadora. E-mail: yasmincg@yahoo.com.br.

Desta forma, esta pesquisa sugere uma breve análise crítica acerca de dois trabalhos em audiovisual presentes nesta exposição, sendo estes: *Hiroshima mon amour* (1959) e *Chronicles* (2010). O primeiro, *Hiroshima mon amour* de Alain Resnais, é abordado em formato de trecho pela 34ª Bienal de São Paulo, como uma de suas referências principais. O trecho escolhido, mostra uma cena íntima entre dois amantes, onde a personagem francesa relembra as consequências devastadoras dos bombardeios em Hiroshima, mesmo sem ter presenciado o evento.

Suas memórias contrastam o antes e depois da cidade e exploram espaços como museus, hospitais e fotografias documentais, criando uma narrativa visual que remete à expografia da própria Bienal. Essa conexão ressalta como ambos — filme e Bienal — usam artefatos visuais e memórias para reconstituir uma experiência histórica. A complexidade do filme reside no fato de que, embora os personagens não estivessem presentes em Hiroshima no momento da explosão, eles revivem o trauma como se fosse parte de suas próprias memórias.

Esse processo cria uma tensão entre a memória coletiva e a individual, onde o lembrar e o esquecer se entrelaçam. Através das lembranças da protagonista, o trauma de Hiroshima deixa de ser pessoal e torna-se um sentimento coletivo, compartilhado também por seu amante. Isso reflete como memórias dolorosas podem se expandir além de quem as viveu diretamente, impactando profundamente até aqueles que as experienciam apenas indiretamente.

Na Bienal, esse conceito se estende à experiência museológica, onde o museu é comparado a ruínas e cicatrizes, objetos que simbolizam o passado e o testemunho da história. Assim como no filme de Resnais, a Bienal busca proporcionar ao espectador um encontro com a memória que transcende explicações racionais e se manifesta de forma sensorial e emocional. O objetivo é criar um espaço onde o passado e o presente se cruzam, permitindo uma reflexão sobre o futuro sem esquecer as cicatrizes do passado, ecoando a ideia de que a memória e o testemunho histórico são fundamentais para nossa compreensão do mundo.

Já o segundo trabalho intitulado, *Chronicles* (2010), realizado pela artista Haris Epaminonda (1980), trata-se de uma instalação audiovisual composta por televisores antigos alinhados em sequência, onde são exibidos pequenos filmes em Super 8 produzidos ao longo de vários anos e

em diversas locações. Essas projeções, sonorizadas com sons naturais, evocam uma atmosfera nostálgica e transportam o espectador para diferentes tempos e lugares. Epaminonda utiliza esculturas e fotografias Polaroid para intensificar essa sensação de temporalidade, criando um espaço que convida à reflexão e à interação sensorial com o passado.

Cada televisor na instalação exibe um filme que pode ser visto como uma continuidade ou um universo narrativo independente, compondo um loop de vídeos com durações variadas e imagens que não se repetem. Assim, o visitante é convidado a circular entre as telas e explorar as múltiplas narrativas, podendo se sentar e apreciar os vídeos de forma mais contemplativa. A instalação foi exposta em um canto reservado da 34ª Bienal itinerante em Belém, num ambiente que promove uma interação mais íntima com a obra e destaca a importância do espaço expositivo para a artista.

A experiência proporcionada pelos curtas de Epaminonda é sutil e poética, levando o visitante a valorizar detalhes que, à primeira vista, podem parecer simples. A abordagem minimalista da artista estimula um olhar mais atento, permitindo que o espectador descubra conexões entre narrativas visuais e crie suas próprias interpretações. Dessa forma, a instalação transforma o espectador em um explorador, incentivando uma interação pessoal e significativa com o universo imaginário de Epaminonda.

Portanto, salienta-se a importância reflexiva desses trabalhos parte da itinerância da 34ª Bienal como possíveis relações entre arte e tecnologia, fundamentados pelos conceitos de midiatização e cibercultura abordados em sala de aula, e como estes são capazes de dialogar com as demais obras do espaço expositivo, a fim de também, resgatar brevemente as tessituras formadas pelo campo da arte ao deparar-se com o âmbito tecnológico em fervor e ainda não aventurado.

Deste modo, este artigo parte de uma reflexão-crítica a partir do resultado da disciplina de “Cibercultura e Sociabilidade” realizada no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/ UNAMA) em Belém do Pará. Tendo-se como objetivo geral, uma análise das três obras mencionadas anteriormente, na qual estiveram em exposição durante a 34ª Bienal de São Paulo, com o propósito de não apenas

documentar e observar estes trabalhos, mas fundamentá-los nos contextos de midiatização e ciberultura através de suas proporções tecnológicas.

Tem-se como objetivo específico, um breve recorte histórico sobre os novos parâmetros da arte com a chegada da fotografia em meados da década de 1820 e as incertezas da Nova Arte muito bem pontuadas pelo autor Gregory Battcock (1973) e pelos escritos de Marcel Duchamp (1957) que questiona integralmente, o novo papel da arte, como forma de não apenas desenvolver uma melhor compreensão acerca dos desafios encontrados pelos artistas, mas como a fotografia contribuiu para a arte dos dias de hoje.

Fomenta-se como metodologia, uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico como principal meio de análise de obras e entendimento histórico e factual, através de pesquisas em artigos, livros e sites oficiais da Bienal de São Paulo para melhor fortalecer, o senso crítico e poético acerca das obras, e para pontuar de forma sucinta os novos parâmetros da arte. Presume-se para o desenvolvimento desta pesquisa, autores como Battcock (1973), Gombrich (2000) e Argan (1992) para salientar os desdobramentos das novas figurações na arte com a chegada da fotografia, e autores como Sá Martino (2014) e Hjarvard (2012) para fortalecer as relações entre as tecnologias na arte a partir da ciberultura e midiatização.

Acentua-se a tensão na perspectiva dos autores provenientes da ciberultura a partir das transformações tecnológicas e culturais e seus impactos na arte e na comunicação, assim como na midiatização que, aqui, representa a interação crescente entre os meios de comunicação e a sociedade, com a mídia adquirindo um papel central nas relações sociais e afetando a troca entre emissor e receptor. Esse processo altera as formas de comunicação e o alcance das mensagens, refletindo uma mudança na forma como a sociedade contemporânea se conecta e interage por meio dos meios midiáticos, refletindo na perspectiva artística e interpretação de obras pelos olhos do espectador visitante.

Finalmente, conclui-se previamente, o triunfo da arte com a tecnologia, visto que tal questão, tornou-se persistente durante muitos anos na história da arte. Ao saltarmos para a contemporaneidade, podemos ter um horizonte bem definido nessas relações que, em sua

maioria, demonstram-se amigáveis. A arte deixou de ser pensada meramente em um cavalete, para também, transitar livremente pelos muitos caminhos que a tecnologia pode nos levar.

Palavras-chave

Bienal de São Paulo; Arte e tecnologia; Arte contemporânea; Belém.

Referências

34ª Bienal em Belém. Bienal de São Paulo, 2022. Disponível em: <http://34.bienal.org.br/itinerancia/9996#:~:text=Pela%20primeira%20vez%2C%20o%20programa,20%20de%20novembro%20de%202022>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

ARGAN, Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992. ISBN 9788571642515.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: Uma História Concisa**. São Paulo. Martins Fontes, 2001. ISBN 8533614640.

BATTCKOCK, G. **A nova arte**. [s.l.] São Paulo: Perspectiva, 1986.

BIZELLO, Maria Leandra. **Hiroshima mon amour: Memória e Cinema. Baleia na rede**, vol. 1, n. 5, 2008.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. 16ª. ed. Rio de Janeiro. LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora. 2001. 688p. v. 1. ISBN 9788521611851.

HJARVARD, Stig. **Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural**. Matrizes [en linea]. 2012, 5(2), 53-91[fecha de Consulta 21 de Junio de 2023]. ISSN: 1982-2073. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143023787004>

LEMONS, André. **Cibercultura Remix. seminário “sentidos e Processos: redes: criação e reconfiguração”**, São Paulo, Itaú Cultural, 2005. Available at <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>.

MARTINO Sá, Luís Mauro. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes, Redes**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2015. ISBN 9788532647405.



XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 04 a 06 de dezembro de 2024.

MARTINO Sá, Luís Mauro. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes, Redes**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2015. ISBN 9788532647405.

Projects 96: **Haris Epaminonda**. MOMA, 2012. Disponível em: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1137>. Acesso em: 27 de julho de 2023.

SAMPAIO, Matheus. **Um Panorama sobre a 34º Bienal de São Paulo**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/62981>. Acesso em 27 de julho de 2023.